



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Formosa 242-2.—PORTO

SUCURSAL EM LISBOA

Rua do Arco da Graça, 4-2.º

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Peretra

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Haciel Barbosa

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)

Um mez \$05 (50 reis); Semestre \$30 (300 reis); Um ano \$60. (600 reis)

Para fora do país, acresce o importe do selo.

Numero avulso \$01 (10 reis)

Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular

Rua dos Mercadores, 171—PORTO—Telefone 737

Soldados ou insurrectos

O camarada Jean Grave teve a coragem e o merecimento de se não solidarizar com os dirigentes do Estado francês, proclamando bem alto que eles não representam o menor princípio revolucionário e que a pretensa «França do direito» não passa bem amida da França das piores iniquidades. Mas, acrescenta elle, visto que os franceses não foram capazes de fazer a revolução contra os amsos do interior e do exterior, só lhes restava baterem-se para que se não tornassem cúmplices dum agressor que trazia um suplemento de exploração e de opressão.

Se se admite este raciocínio para os franceses em face dos alemães, impossível se torna não o admitir quanto aos últimos em face dos russos... e assim sucessivamente. Cada povo em guerra poderá imaginar—e com efeito imagina—que combate pela boa causa, e aí estamos nós transformados em instrumentos voluntários dos crimes dos nossos dirigentes.

«Não há absoluto»—muito bem—mas então porque raciocinar como se o bom direito absoluto estivesse do lado dos aliados?

Não é, aliás, o «dever» de dar a vida a coisa mais absoluta que se pode imaginar? E no entanto é invocado em favor duma vantagem menos que relativa, muito duvidosa e talvez absolutamente nula! Se nunca pelas nossas reivindicações mais elevadas é essencialmente achamos uma obrigação voltar-se cada um á morte, como havíamos de o exigir pela mentira patriótica, democrática e nacional?

O facto da guerra trará tanto aos povos vencedores como vencidos um acréscimo de exploração e opressão, a não ser que entre elles surjam protestos, resistências e revoltas, para provocar e realizar as quais devemos conservar o mais possível todas as nossas forças, em vez de as pôr ao serviço de qualquer Estado nacional.

Se verdadeiramente sentimos heroísmos, não nos hão-de faltar com certeza ensejos para o manifestarmos. E será por uma afirmação clara e exacta do nosso ideal, pela verdadeira causa da justiça e da liberdade. Procuremos, pois não ser soldados, esperando vir a ser insurrectos.

Registrar que somos muitas vezes forçados a dar rasgões nos nossos princípios não é motivo para continuamente justificarmos outros rasgões. Somos anarquistas, não na medida em que nos adaptamos ao meio, mas sobretudo naquella em que sabemos resistir-lhe e emancipar-nos dele. Deixemos que os sociais-democratas justifiquem constantemente com as antigas as suas novas concessões, comprometimento e contradições. Nós pedimos, pelo contrário, ao indivíduo que tenha o maior número de vezes possível a força de retomar posse de si. Não é aliás deixando-nos mandar para a carnificina que dominamos os acontecimentos: assim, somos mais do que nunca joguete deles.

Não somos e nunca fomos neutros. Esta palavra repugna-nos mais que outra qualquer. Somos pelo contrário, inimigos de todas as políticas, de todos os militarismos, de todos os imperialismos. E' por isso que não devemos confundir, por um só momento que seja, a nossa causa com um deles. E' pretender que, recusando ser cúmplices dos nossos governantes estrangeiros, assemelha-se em demasia á acusação dos candidatos socialistas que denunciam os abstencionistas como aliados dos seus concorrentes burgueses.

A opressão estrangeira poderá ser mais odiosa do que a opressão nacional; mas não podemos deixar de aprovar os nossos amigos de Trieste, os quais, embora detestando profundamente o governo austriaco, não sentem a menor simpatia por um futuro governo italiano!

Que o povo, em todas as circunstancias, sofre mais do que as classes abastadas já não precisa de ser demonstrado. Mas confessamos comover-nos igualmente a ideia de que uma contribuição de guerra ferirá o proletariado alemão em vez do proletariado francês. Não se tem repetido em todos os tons que a França é muito mais rica do que o Alemanha? Ora, nós não podemos verdadeiramente ser internacionalistas, se chegamos ao ponto de recear grandemente para uns um mal que, muito agravado, nos deixaria indiferentes em casa dos outros.

Como não se compreende que, com semelhante estado de espírito, se amanhã estalasse na Alemanha um movimento revolucionário, nele só veríamos, como os nossos amsos, uma causa de fraqueza, da qual se deveria tirar proveito para esmagar um inimigo?

Não, não podemos abandonar o terreno dos princípios sem renegar a nossa razão de ser e ir ter ás piores enormidades. A guerra é sem dúvida uma prova da nossa impotência material momentânea; mas, enfim, é também a confirmação indirecta da nossa ideia moral. Produto fatal do capitalismo e do Estado contra os quais não devemos cessar de exercer a nossa crítica e a nossa acção, a guerra só com elles desaparecerá. No momento em que todos os outros remédios se mostraram impotentes havíamos de renunciar a preconizar o nosso, o comunismo anarquista, o único capaz de pôr termo ás rivalidades sangrentas dos capitalistas e governantes e de garantir assim ao mundo a paz no bem-estar e na liberdade para todos?

Luís BERTONI.

O carnaval

Não nos preocupa excessivamente a existência ou não-existência do entrudo, mas sempre achamos curiosos os argumentos com que o defendem os interessados num inquérito aberto pela *Notícia*, de Lisboa: resumem-se afinal em alegar que do carnaval vivem inúmeros pequenos comerciantes e industriais, tiram proveito patrões e até operários. Argumento perigoso, com o qual podem defender-se todas as instituições nefastas e todos os vícios, como o militarismo, a Igreja, o jôgo, o alcoolismo, a prostituição, etc. etc. A mesma *Notícia* ataca violentamente a roleta automática espalhada pelas tabernas, casas de pasto, mercearias, etc., de Lisboa, e esse maquinismo, além de dar lucros fartos aos comerciantes, dá trabalho aos operários que a fabricam e consertam.

Essa razão não deve, pois, deter os que vêem no carnaval um mal e que por isso o combatem. O que não devem é contar com as proibições legais. A *Notícia* põe na boca do conhecido alfaiate Amieiro (nós não garantimos nada) a seguinte verdade:

Quando elle morrer, será de morte natural, pela evolução intelectual do povo, e não por uma deliberação da autoridade. E nada mais.

A DEFESA DAS NOSSAS COLONIAS

Lá partiu mais uma expedição! Dentro em breve uma outra se lhe seguirá e outras se ficarão organizando interminavelmente!

D'entre os filhos do povo os melhores, os mais fortes, a geração mais robusta e sábia, esses, em cujos cérebros de vinte anos começavam despontando nobres aspirações de fraternidade, de justiça e bem-estar; esses rudes e alegres trabalhadores para quem a vida ainda agora começara prenhede de fagueiras ilusões, e em quem o amor acastelára esperança sobre esperança, lá vão, violentamente arrancados, dum dia para o outro, á sua familia, á sua vida, ás suas occupações, a caminho dos nossos vastos domínios coloniais!

Para quê! Porque se sacrifica assim, sem a consultar, contra sua vontade, a vida de uma geração inteira? Porque se consomem tantas energias produtivas, porque se dispendem tam fabulosas somas? Porque tanto sangue, para quê tantas lagrimas, tanto luto, tanta dor?

Para,—respondem os órgãos governamentais—defender esses territórios que os nossos antepassados conquistaram á custa de tantos sacrificios e que inúmeras vezes regaram com o seu generoso sangue.

A incoerencia dos democratas

Antes de mais nada começemos por notar a manifesta incoerencia entre os princípios fundamentais da propaganda republicana e a politica colonial preconizada e defendida por todos os partidos da República.

Os republicanos admitem unanimemente que cada povo tem o direito de escolher livremente os seus governantes. Cada povo é senhor absoluto e exclusivo dos seus destinos; governa-se a si proprio por intermédio de representantes eleitos por sufrágios. República é o governo do povo e pelo povo.

Mas se assim é, como defendem os republicanos o principio da nossa soberania nas colonias africanas? Então os cuamatás, por exemplo, não tem o direito de escolher livremente a forma de governo e os governantes que mais lhes agradem? Não são eles em principio senhores absolutos e exclusivos dos seus destinos?

Estranha lógica a desses patriotas que a cada passo nos falam de independencia nacional e nos descrevem com as mais brilhantes cores as lutas heroicas dos nossos antepassados para sacudir o jugo estrangeiro, e a seguir, com a pena molhada na mesma tinta, nos apontam como traiçoeras revoltas, dignas da mais feroz repressão, os esforços do gentio africano pela conquista da sua independencia, pela expulsão do estrangeiro opressor!

Argumentos patrióticos

E' interessante analisar de perto os argumentos com que os nossos patriotas colonionistas pretendem defender-se desta evidente incoerencia.

«Em primeiro lugar, dizem elles, só tem direito á independencia aqueles povos que dela se mostram dignos; que encontrem em si a força e a competencia necessaria para organisarem instituições sociais tendentes a estabelecer a harmonia e o bem-estar entre os seus componentes.» E como desta competencia serão mutua-

mente julgadores os diferentes povos, estes, ludibriados e instigados pelas ambições de conquista da alta finança e da grande industria, taxarão de incapazes e indignos de independencia as populações industrialmente atrasadas e facilmente conquistaveis, que para banqueiros e industriais são verdadeiras minas de ouro...

Por este habil sofisma o que se consegue praticamente—mesmo sob o ponto de vista politico-burguês—é o esmagamento dos pequenos povos, o triunfo dos mais fortes e astutos, a negação, em suma, do proprio principio de independencia nacional, admitido como ponto de partida.

A história destes ultimos anos, bem viva na memória de todos, dispensa-nos bem do trabalho documentativo...

Outro argumento, tam pitoresco como o que acabamos de examinar, é o que se refere ás «necessidades de expansão». As nações, cuja população aumenta rapidamente, tem necessidade de se expandir, de alargar os limites das suas fronteiras, de buscar colónias para dar saída ao excesso de habitantes. Nos países muito prolificos, como a Alemanha, este argumento da «necessidade de expansão» anda na boca de todos os politicos, a disfarçar as criminosas ambições dos industriais que buscam mercados inexplorados para os seus productos, dos financeiros que procuram boas colocações para os seus capitais e dessa chusma de militares e empregados publicos que roubam constantemente com rápidas promoções e uma ou outra comissão de serviço em que se possa meter a unha á vontade.

Mas, que pensariam estes cavalheiros... da industria politica, dum proprietario rural que, com o pretexto de possuir uma familia muito numerosa, invocasse o principio da «necessidade de expansão» e começasse anexando as terras dos vizinhos? Eram capases de lhe chamar gatuno...

Esta «necessidade de expansão», na boca dos politicos profissionais, tem sobretudo por fim fazer interessar o operariado pela politica colonial. «Os trabalhadores, dizem elles, tem todo o interesse em possuirem colónias; estas são como que um prolongamento da terra mãe onde os proletários poderão buscar trabalho sem que para isso se vejam na dura necessidade de abandonar a Pátria, e sem que esta os desampare por sua vez, faltando-lhe com a carinhosa protecção das suas instituições sociais. Nos países que não possuem colónias os operários, em ocasiões de crise, veem-se obrigados a ir buscar trabalho ao estrangeiro; nas nações coloniais, pelo contrário, os trabalhadores que busquem onde empregar a energia dos seus braços não necessitam sair de sua casa, da sua Pátria.»

Mas, af estão os factos a atirar abaixo todo este edificio de retórica politica. Portugal, nação de vastos domínios coloniais no continente africano, é um dos países em que a corrente emigratória é mais intensa... para a America...

E' af apesar de tudo, os nossos compatriotas não sentem muito a falta do pátrio carinho. Lá como cá, as autoridades levam a sua abnegação, o seu amor pelos humildes, até ao ponto de se sacrificarem a mandar encerrar associações de classe e prender operários por delitos de greve. A asa protectora do Estado obriga por toda a parte e indiferentemente

aos trabalhadores de todas as nacionalidades...

Outra razão nos apresentam ainda para demonstrar o interesse que tem as classes trabalhadoras em apoiar a politica colonial dos seus dirigentes:

«Como as colónias são excelentes mercados para os productos da industria nacional, a sua existencia vem influir no levantamento industrial do país, e contribuir portanto para uma melhor remuneração do trabalho. A primeira vista parece que devia ser assim, mas de facto não é.

Nem sempre o desenvolvimento industrial de um país coincide com uma melhoria de condições das classes trabalhadoras. Mas quando coincide isso é exclusivamente devido ao esforço directo do operariado em luta com a classe patronal. De resto, em regime capitalista, todas estas melhorias são insignificantes e sobretudo instáveis. O aumento do custo da vida, as crises industriais, a concorrência de productos estrangeiros, a affluencia de trabalhadores para os logares de melhores condições de vida ou de salários mais altos, tudo isto contribui para estabilizar a situação do operariado e anular quasi todas as conquistas adquiridas. E se o operariado se distrai da sua tarefa de organização de forças para a luta anti-patronal, e dedica as suas atenções a problemas de carater burguês, como o colonialismo, o levantamento dos industriais, etc., o que lhe acontece depois é não poder aproveitar-se das ocasiões favoráveis para melhorar a sua situação, por não estar convenientemente preparado, por ter descurado o problema da sua organização.

Isto mesmo já aqui o dissemos por mais de uma vez a propósito da tam debatida questão da colaboração de classes.

Um ultimo argumento nos falta analisar. Com ele nos seringam a todos os momentos os ovidos.

«Nós, homens civilizados (?), não podemos consentir que semelhantes nossos vivam aqui a dois passos em tão degradante estado de barbarie. Temos obrigação moral de lhes levar o progresso, a luz, a civilização. E para iniciar esta grande e altruista obra de civilização começemos por lhes roubar as terras e tudo aquilo que nos possa ser util. Depois violentemos as mulheres, obriguemos os homens a trabalhar por aquilo que lhes quisermos dar, ou sem remuneração alguma, nas terras e nas minas que lhes roubámos; arranquemos-lhe quantos impostos nos apetercem, porque para se ser civilizado é necessario pagar impostos; e aos que não estiverem de acordo com todos estes beneficios da civilização, a esses ingratos que pretenderem morder a mão generosa e desinteressada que os ia salvar, dêmos-lhe caça, matemo-los, exterminemo-los em massa! Esses não são dignos de usufruirem a nossa civilização superior!

Eis um palido reflexo da obra emancipadora executada pelos Estados modernos em beneficio dos povos incultos!

E' assim que se defende oficialmente o principio da nossa soberania nas colónias.

E é para manter essa soberania, que não se baseia em nenhum principio de justiça, que partem, uma após outra, expedições compostas daquilo que ha de mais são na nosso sociedade! E' para conservar aos exploradores da grande industria, á casta militar profissional, á burocracia parasitária e aos abutres da finança esses vastos campos de rendosas